

O NAUFRÁGIO DE BELITUNG: REFLEXÕES PARA UMA HISTÓRIA GLOBAL DA IDADE MÉDIA

Otávio Luiz Vieira Pinto

Em 1998, pescadores da Indonésia encontraram um verdadeiro – e literal – tesouro nas águas do Estreito de Gelasa, entre as ilhas de Bangka e Belitung. Era um dhow, um tipo de navio comum nas regiões do Mar Vermelho e do sul da Ásia, muito usado por mercadores árabes e swahili nos tempos áureos do comércio índico. A embarcação, hoje conhecida como “Naufrágio de Belitung” ou “Naufrágio Táng”, havia saído de algum porto árabe em direção à China, onde foi abastecida com produtos cobiçados em toda Afro-Eurásia. Contudo, em sua viagem de volta, o intrépido dhowárabe acabou se desviando da rota mais usual, que passava pelo Estreito de Malaca, e rumou excessivamente para o sul, afundando, então, por volta de 830 EC. Este infortúnio, que certamente tirou a vida de uma dezena de marinheiros, levou para o fundo do mar a preciosa carga que era transportada: mais de sessenta mil peças de cerâmica chinesa – incluindo as famosas qīng-huā, as “cerâmicas branca e azul” – e trinta peças em ouro e prata (GUY, 2019: 129).

Por mais de mil anos, esse tesouro repousou intacto no Mar de Java. Seu descobrimento foi importantíssimo em vários sentidos, mas dois elementos podem ser destacados aqui: o “Naufrágio de Belitung” é uma das evidências mais antigas de comércio direto e de longa distância da Idade Média Afro-Asiática; e a quantidade de cerâmica carregada indicava que este tipo de comércio não era raro, mas sim comum o suficiente para que o Império Chinês produzisse cerâmica em escala quase industrial para suprir a demanda “internacional”. Assim, podemos somente imaginar quantos outros navios completaram suas viagens e escoaram cerâmica chinesa, cravo indonésio ou pimenta indiana nos mercados de Zafār, de Sīraf, de Zeila, de Alexandria ou mesmo de Marselha. Se as viagens bem-sucedidas não deixaram vestígios concretos, a desventura do “Naufrágio de Belitung” acabou nos provendo, involuntariamente, com uma janela para uma verdadeira História Global da Idade Média.

A partir desta anedota, podemos nos perguntar: o que é História Global? E, ademais, é possível falar de uma História Global da Idade Média, uma época em que os hemisférios do mundo ainda não haviam vencido o Oceano Atlântico e estabelecido contato? Bom, em primeiro lugar, é preciso estabelecer que “História Global” não indica uma metodologia de pesquisa unânime e nem carrega em si uma conceituação homogênea, e existem diversas formas, às vezes até mesmo conflitantes, de se pensar esse campo. Contudo, alguns pressupostos são recorrentes em todas as variedades de abordagens globais: a intenção (ao menos, em teoria) de superar o eurocentrismo e o nacionalismo que, por tanto tempo, marcaram as fronteiras da historiografia (SILVEIRA, 2019: 214). Ou seja, não precisamos tomar “História Global” como, literalmente, a “História de todo o planeta”, mas sim como um esforço para pensar uma História que privilegia temas que foram comumente relegados, pelo eurocentrismo, às periferias acadêmicas. Neste sentido, não apenas seria possível falar de uma História Global da Idade Média como seria, inclusive, salutar fazê-lo, uma vez que os Estudos Medievais nasceram e cresceram no seio do nacionalismo europeu – e, portanto, carecem de olhares mais plurais.

Uma maneira de superar este nacionalismo europeu nos Estudos Medievais é olhar para conexões. As diversas estratégias e formas de contato estabelecidas por sociedades antes do século XVI tendem a abrir novos horizontes de pesquisa. Assim, a familiar Idade Média dos castelos e catedrais pode também ser a Idade Média dos velozes navios swahili, dos intrincados astrolábios árabes, das perfumadas especiarias indianas, dos finos tecidos persas e das delicadas porcelanas chinesas. Desta forma, objetos – e não apenas textos escritos – podem ser também um excelente fio

PINTO, Otávio Luiz Vieira. O NAUFRÁGIO DE BELITUNG: REFLEXÕES PARA UMA HISTÓRIA GLOBAL DA IDADE MÉDIA. *História Global*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/texto-s-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



condutor para estudos desta natureza. Objetos de luxo, voltados para o consumo “internacional”, quando bem interrogados, podem contar históricas fantásticas de mobilidades, negociações, conflitos e expressões culturais. É o caso do “Naufrágio de Belitung”, por exemplo: um testemunho material não apenas do contato direto entre o mundo muçulmano e a China Imperial, mas também da circulação de produtos que, antes de chegarem aos grandes centros comerciais da Ásia Ocidental e da Europa, passavam pelo Sudeste Asiático, pelas ilhas e portos da Costa Swahili na África e pelo Mar Vermelho.

Ou seja, falar sobre uma História Global da Idade Média não apenas desafia o eurocentrismo e o nacionalismo, como também desafia a nossa compreensão do significado de documentação histórica e até mesmo de centro e periferia. Assim, se esse “mundo medieval” que tanto nos chama a atenção é um mundo mais conectado, mais dinâmico e mais plural do que por muito tempo se acreditou, então olhemos não apenas para a Europa, mas também para a China; mergulhemos não somente no Mediterrâneo, mas também no Oceano Índico; visitemos não somente os reinos, mas também as rotas – afinal, elas é que são, como bem disse Peter Frankopan (2019), o Coração do Mundo.

Para saber mais

FRANKOPAN, Peter. O Coração do Mundo: uma Nova História Universal a partir da Rota da Seda. São Paulo: Crítica, 2019.

GUY, John. Shipwrecks in Late First Millennium Southeast Asia: Southern China’s Maritime Trade and the Emerging Role of Arab Merchants in Indian Ocean Exchange. In: SCHOTTENHAMMER, A. (org.). Early Global Interconnectivity across the Indian Ocean World, vol. I. Londres: Palgrave, 2019.

SILVEIRA, Aline Dias da. História Global da Idade Média: Estudos e Propostas Epistemológicas. Roda da Fortuna, v. 8, n. 2, 2019, pp. 210-236.

PINTO, Otávio Luiz Vieira. O NAUFRÁGIO DE BELITUNG: REFLEXÕES PARA UMA HISTÓRIA GLOBAL DA IDADE MÉDIA. *História Global*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/texto-s-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

